

RUMO ÀS ELEIÇÕES: Antônio Carlos admite que deseja continuar na presidência do Senado: 'Se dissesse que não seria hipocrisia'

'Até a oposição vai colaborar para a estabilidade'

ACM quer manutenção da equipe econômica num segundo Governo FH e lembra que mesmo Cristovam está de acordo

ENTREVISTA

Antônio Carlos Magalhães

(PFL-BA), com as reformas vai além da sua condição de aliado do Governo Fernando Henrique Cardoso. Ao se con-

versar com ele sobre o assunto, fica claro que a questão é um compromisso com a memória do seu filho, o deputado Luís Eduardo Magalhães, morto em 21 de abril. Luís Eduar-

do trabalhava desde 1995 pelas reformas e alertava para os riscos de que elas fossem deixadas para depois.

Afirmando que o povo não absolveria um Congresso que não delibera e parlamentares que impedem as votações, Antônio Carlos estende às oposições a convocação que faz aos congressistas para votar, a partir de outubro, as reformas necessárias para fazer frente à crise financeira.

Helena Chagas

O GLOBO: Como o senhor conseguirá convencer um Congresso em fim de mandato, cheio de ressentimentos depois das eleições, a votar ainda este ano as reformas?

ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES: Quem vai convencer não sou eu. Os fatos apresentados no mundo inteiro, sobretudo a crise econômica internacional, convencem qualquer cidadão, o que dirá se ele for um representante do povo no Congresso, a tomar as medidas legislativas indispensáveis para a estabilidade econômica do país. Não tenho dúvida de que até a oposição vai colaborar nesta cruzada para dar estabilidade econômica.

• O senhor está então convidando a oposição para um pacto?

ANTÔNIO CARLOS: Não convido até porque acho desnecessário. Mas estou convencido de que o patriotismo dos parlamentares, inclusive os da oposição, fará com que tenhamos êxito na tarefa de votar as reformas.

• Quais seriam as prioridades?

ANTÔNIO CARLOS: Temos que acabar a reforma da Previdência. E aí eu me lembro do Luís Eduardo, e do quanto ele achava necessário que votássemos isso. Se tivéssemos votado em tempo, nossos problemas teriam sido menores. Hoje o maior déficit do país é o da Previdência, que a cada dia é mais sangria para o povo.

• A reforma tributária não é mais complicada?

ANTÔNIO CARLOS: A tributária é complicada. Mas União, estados e municípios vão encontrar denominadores comuns para que seja votada. Vamos fazer um esforço para votar a reforma tributária e, com certeza, votaremos o ajuste fiscal pedido pelo Governo.

• O ajuste fiscal seriam examinadas separadamente da reforma?

ANTÔNIO CARLOS: Seriam medidas separadas, com validade de três anos, de 1999 a 2001. O Governo precisa ter esses instrumentos. Como tenho dito, o Legislativo foi feito para votar. Pode votar a favor ou votar contra. Mas não foi feito para impedir votações. O que está havendo, e só lamentar que isso ocorra numa hora tão grave, é que há parlamentares impedindo o Congresso de votar. O povo não entende um Congresso que não delibera.

• O Governo costuma atribuir a responsabilidade pela crise ao Congresso, que não votou as reformas. Mas no caso da tributária, por exemplo, o próprio Governo não mandou o projeto ainda e não se empenhou...

ANTÔNIO CARLOS: Cabe ao Exe-

cutivo. O Governo já conseguiu algo em relação à reforma tributária. Mas é preciso providências maiores, até pela credibilidade que o país precisa ter no mundo no tocante a uma política de austeridade fiscal e tributária.

• O Congresso vai mexer nesses projetos?

ANTÔNIO CARLOS: Acho que o Congresso pode mexer, pode discutir com a equipe econômica. O essencial nas reformas é que não podem estar sendo modificadas como aconteceu na administrativa e, muito mais, na da Previdência, com prejuízos para a nação. Chegamos a um momento em que não dá mais para demagogia, ou para a vaidade pessoal.

• Não dá mais para meia-sola...

ANTÔNIO CARLOS: O Congresso não tem faltado ao país. Esses assuntos são complicados em qualquer parlamento. Nunca se votou tanto quanto neste período, tanto na Câmara quanto no Senado. Não deve haver queixas maiores do Executivo, que foi bem atendido. O Congresso e o Executivo estão se unindo numa ocasião excepcional, que nos obriga a tomar providências como essas. O

presidente Michel Temer também tem sido muito atento a isso. Estamos com os mesmos pontos de vista. Que já eram os pontos de vista do Luís Eduardo há tempos. Em 95, ele já previa que isso pudesse acontecer em 97 ou 98. Não foi ouvido, e o resultado não foi bom para o país.

• Um segundo Governo Fernando Henrique já vai começar com dificuldades pelo fato de os partidos aliados terem candidatos para 2002?

ANTÔNIO CARLOS: Que tenham candidatos para 2002 na cabeça, no coração, no desejo, acho até natural. Cuidar de 2002 antes de terminar 98 é uma tolice que um político competente não pode cometer. Agora, o que é importante é que, nesta hora difícil, todos dêem liberdade ao presidente para montar a equipe que ele considere melhor para o país, com quadros que pertençam ao PFL, ao PMDB, aos tucanos, ao PSDB, a todos os partidos aliados ou até adversários se forem pessoas competentes. É claro que o presidente tem capacidade e sensibilidade para saber escolher.

• A essa altura, ter no Congresso

uma carnificina na briga por cargos atrapalharia as reformas?

ANTÔNIO CARLOS: Fazer isso não seria correto com a nação.

• Ao demonstrar disposição de votar medidas e reformas, o Congresso está dando um voto de confiança à política econômica?

ANTÔNIO CARLOS: Claro, sobretudo porque, se o presidente Fernando Henrique for eleito no primeiro turno, terá o referendo popular para lutar com muito mais força pelo que deseja, que se confunde com o desejo da nação, de aprovar esses projetos e as reformas que ainda são necessárias.

• O senhor não vê necessidade de uma correção de rumos na economia, como a restrição de importações, por exemplo?

ANTÔNIO CARLOS: Não, sempre corrigimos os nossos rumos. Uma equipe econômica tem que corrigir rumos a cada dia. Até porque isso não é uma coisa do Brasil. A economia mais forte do mundo hoje, que é a dos Estados Unidos, todos os dias se corrige.

• Os Estados Unidos às vezes têm um discurso e, na prática, fazem outra coisa, pragmática...

ANTÔNIO CARLOS: Eles sempre adaptam as coisas. Criam restrições, quando necessárias, às importações, fazem um protecionismo enorme. Todos temos que aprender a fazer correções...

• Temos que ser como eles?

ANTÔNIO CARLOS: Evidentemente, não podemos querer o apoio dos Estados Unidos com agressões. Infelizmente, o Lula, num momento infeliz, agrediu os presidentes Clinton e Yeltsin, demonstrando imaturidade.

• A crise favoreceu a candidatura Fernando Henrique?

ANTÔNIO CARLOS: Favoreceu porque os brasileiros, até os eleitores de Lula, chegaram à conclusão de que, numa hora difícil, é necessário um presidente mais competente. E aí, quaisquer divergências em relação à política de Fernando Henrique ou a ele próprio se apagaram para se escolher o melhor. Daí porque ele cresceu nas pesquisas.

• O PFL sempre foi simpático ao ministro Pedro Malan, a Pedro Parente, mas o senhor já teve divergências com a direção do Banco Central. A equipe econô-

mica deve permanecer num segundo governo?

ANTÔNIO CARLOS: Acho que quem comanda a equipe e sabe se ela deve ficar é Fernando Henrique. E ele tem reiterado que essa equipe merece confiança, inclusive para ficar no próximo governo. Acho indispensável que continue. Se pessoas que nem são aliados de Fernando Henrique, como o governador Cristovam Buarque, do PT, acham que a equipe deve continuar, o que dirá o presidente, que confia na sua política econômica.

• Mas há setores no próprio Governo que pensam diferentemente em relação à política econômica, como os ministros Mendonça de Barros e José Serra...

ANTÔNIO CARLOS: Essas divergências, internamente, são até salutares. Mas exteriorizá-las é crime contra o país.

• Por isso o senhor brigou com o ministro Mendonça de Barros?

ANTÔNIO CARLOS: Nunca briguei com o Luiz Carlos (Mendonça de Barros), até porque acho que ele é um homem com muitas qualidades e ainda tem tarefas a executar para o país. Entretanto, naquela ocasião ele não deveria ter falado. Num Governo que está enfrentando problemas não podem aparecer divisões internas.

• O PFL vai bem na campanha?

ANTÔNIO CARLOS: O PFL está indo bem nas eleições. Mas todos os partidos se dizem satisfeitos e só 4 de outubro vai dizer quem tem razão.

• César Maia voltou a cutucar o senhor ao dizer que o aliado dele no PFL é Marco Maciel?

ANTÔNIO CARLOS: O César Maia escolheu um bom aliado. Juntando dois temperamentos antagonísticos, pode ser que dê uma média razoável. Sou admirador do Marco Maciel pela sua tolerância, pela sua capacidade de fazer política. Daí porque nunca admiti outro candidato a vice que não fosse ele. Quando a imprensa pens que há divergências minhas com Bornhausen ou Marco Maciel, tudo já foi resolvido antes.

• Ao que parece, já existe acordo para reeleger o senhor para presidência do Senado. O ministro Eliseu Padilha, por exemplo, diz que o PMDB só tem uma posição: apoiar o ACM...

ANTÔNIO CARLOS: Fico muito lisonjeado. Se disser que não desejo isso, seria hipocrisia. Mas não vou ser reeleito pela vontade do senadores. Se a maioria dos senadores achar que devo ser reeleito, serei candidato. Se não achar não serei. Mas tenho a impressão pela conversa de alguns, que tenho uma boa posição. ■



ANTÔNIO CARLOS: "Se o presidente Fernando Henrique for eleito no primeiro turno, terá o referendo popular para lutar com muito mais força pelo que deseja"

Ailton de Freitas/24-11-97